O que é uma Cultura de Paz e quais são os obstáculos que nos separam dela?

Johan Galtung

2 de março de 2003

Dr. Johan Galtung, Professor de Estudos da Paz
Diretor da TRANSCEND: Rede para o Desenvolvimento e para a Paz

1. Culturas de Paz. Uma cultura de paz é uma cultura que promove a paz. Mas o que é a paz? Ofereço duas metáforas:

A primeira metáfora é a da saúde: "a paz está para a violência assim como a saúde para a doença". Uma pessoa pode ser saudável – uma pessoa, grupo, estado, nação, região ou civilização podem ser pacíficos, pelo menos mais do que são hoje em dia.

Mas falamos também de paz entre pessoas, grupos, etc. Assim, a segunda metáfora é a do amor. O amor é a união de corpo, mente e espírito ou, para ser mais exato, a união destas uniões. É o milagre do sexo e da ternura física; o milagre de mentes partilhando alegrias e sofrimento (*sukha* e *dukha*, como diriam os budistas), vibrando em harmonia. E o milagre de duas pessoas que têm um projeto em comum que as transcende, inclusive a reflexão construtiva sobre a união de corpo e mente.

Agora, elevemos esta reflexão para considerar o caso de duas sociedades, dois estados. O corpo é a economia. A mente é a política. O espírito é a cultura, principalmente a cultura profunda, coletiva, subconsciente. Deixei de fora a quarta fonte de poder, o exército, pois me preocupo com a consecução da paz por meios pacíficos. Para os que consideram válido o conceito de "guerra justa", proponho o seguinte exercício: tentar pensar uma "escravidão justa", um "colonialismo justo", um "patriarcado justo que reprima as mulheres". Talvez então lhes ocorra a idéia de que os males devem ser abolidos e não justificados.

Infelizmente, muitos institutos e universidades que se dedicam aos estudos de paz na verdade estão estudando a Guerra, contando meticulosamente o número de conflitos, por vezes verificando como terminaram, como foi o cessar-fogo. O processo do cessar-fogo, no qual às vezes intervém um terceiro para punir quem quebrar o cessar-fogo, recompensá-los se não o quebrarem, enfim para fazer o cessar-fogo pagar por existir – tudo isto é uma coisa que pode ou não ser uma boa abordagem à paz mas, seja lá o que for, não é um processo de paz.

A Paz, como mostrou nossa metáfora, é uma relação positiva entre as partes, uma união, uma comunhão. A condição para a paz é o respeito mútuo, dignidade, igualdade, reciprocidade – tudo isso nas três áreas: espírito, mente e corpo; cultura, política e economia. Vejamos estas três áreas:

A Universidade Internacional para a Paz tem o mérito de ser a primeira universidade que, na esteira do trabalho pioneiro do ex-diretor geral da UNESCO, Federico Mayor Zaragoza, está colocando a cultura à frente do trabalho de paz. No caso da universidade esse trabalho focaliza os tesouros espirituais de todas as culturas, começando pela sua própria cultura Coreana.

Segundo a minha experiência, cada cultura tem algum tipo de contribuição à cultura de paz mundial. No Ocidente temos a igualdade de direitos perante a lei, na Polinésia temos o *ho'o pono pono*, na Somália o *shir*, e os índios Cheyenne nos deram o *calumet*. Essa idéia de uma procissão mundial de contribuições à cultura de paz é excelente. É uma idéia que me parece bem mais convincente do que os jogos olímpicos, que envolvem muita competição e medalhas de ouro, prata e bronze – quando na verdade precisamos de diálogo e aprendizado mútuo.

Para demonstrar o que quero dizer, permitam-me listar aquilo que, ao longo de minha curta vida (que representa menos de um segundo na história da cultura mundial) aprendi com as religiões do mundo:

Com o Judaísmo: a verdade não é uma declaração de fé mas um processo de diálogo sem fim, como no Talmud.

Com o Protestantismo: o mote luterano hier *stehe ich, ich kann nicht anders* [aqui estou, não tenho alternativa] fala do significado da consciência e responsabilidade individuais; da igualdade diante da face do Criador.

Com o Catolicismo: a distinção entre pecado e picador, a posição contrária ao pecado mas ao mesmo tempo de perdão e misericórdia para com o picador.

Com a Igreja Ortodoxa: o otimismo do cristianismo da ressurreição, tão diferente dos cristianismos da crucificação; Cristo vive e está entre nós.

Com o Islã: a verdade do Sura 8:61: Se os outros se mostrarem dispostos à paz, também você. A paz gera a paz. E também a verdade de zakat: partilhar com os pobres.

Com o hinduísmo: a construção trina do mundo como Criação, Preservação e Destruição. No contexto do conflito isto significa ver o conflito como desafio para solucioná-lo criativamente, preservar as partes e evitar a destruição.

Com o budismo / jainismo: evidentemente, a não-violência, *ahimsa*. Mas é preciso aplicá-la a toda a vida, todo o planeta, não apenas os humanos. Isto é o que o budismo japonês chama de *engi* – tudo está inter-relacionado, a causação é co-dependente, não há começo nem fim e ninguém é totalmente culpado nem totalmente inocente. Somos todos co-responsáveis pela diminuição de *dukha* (o sofrimento) e pelo aumento de *sukha* (realização, libertação de todos, inclusive nós mesmos).

Com o confucionismo: o princípio da harmonia isomórfica, ou seja, a harmonia interior, dentro de nós mesmos, dentro da família, da escola, do grupo de trabalho, da sociedade, do país e da nação, da região e da civilização – cada uma destas esferas inspirando as outras.

Com o Taoísmo: o princípio do *yin-yang*, o bom dentro do mau e o mau dentro do bom – e também o mau dentro do bom dentro do mau e o bom dentro do mau dentro do bom – e assim por diante, numa complexidade que transcende em muito o dualismo Ocidental.

Com o Humanismo: a idéia das necessidades humanas básicas, que em certa medida se refletem nos direitos humanos básicos como um todo. Estes são uma orientação para as atividades humanas em geral e para a política e a economia em particular.

Eu recomendo aproveitar o melhor de cada uma das filosofias – e não perder muito tempo lutando com estranhas e obscuras mensagens anti-paz.

Um dos principais obstáculos à cultura de paz é a cultura da guerra e da violência. Vejamos o exemplo da mídia:

A TV demonstra bem este ponto. O fator menos importante é a exibição de violência desenfreada, a vítima deitada numa poça de seu próprio sangue e o agressor fugindo. O primeiro fator importante é que ninguém mostra os efeitos invisíveis da violência: o sofrimento dos entes queridos da vítima, o trauma, o ódio, a sede de vingança e o ufanar-se do agressor que sai livre. O segundo fator importante é que ninguém mostra modos alternativos de lidar com o conflito – a transformação de conflitos, a empatia, a não-violência, a criatividade. Nenhum estudo sobre a violência na TV examinou esses três fatores de modo adequado.

Há uma ligação direta entre violência interpessoal e guerras internacionais. O jornalismo de guerra focaliza sistematicamente a violência e o ganhador, como num jogo de futebol, deixando de fora os efeitos invisíveis e as alternativas ao conflito armado. O jornalismo para a paz começa com duas perguntas: Qual a causa do conflito? Quais são as soluções possíveis?

Um presidente que só consegue declarar que: "o conflito é entre o bem e o mal" e "a solução é esmagar o mal" não sobreviveria a um questionamento mais persistente. Estas frases não passam de propaganda de guerra e só têm eco dentro de uma cultura de guerra.

Mas a cultura de guerra também busca justificação em coisas que foram ditas; como aqueles que declaram ser o *Povo Escolhido* pelo Todo-poderoso, e prestar contas apenas a Ele. Nesse caso a ordem mundial tem seu Deus em cima, logo abaixo o Povo Escolhido (sem deixar lugar para leis internacionais nem direitos humanos), depois os Aliados Escolhidos e depois o Resto (incluindo as Nações Unidas). Estes se vêem como excepcionais, como detentores do direito, e até do dever de desrespeitar os direitos humanos e as resoluções da ONU, não importando se o Todo-poderoso é Iaweh, Deus ou Alá.

A paz só pode se basear na igualdade e na equidade. Uma estrutura calcada em desigualdade, iniqüidade e assimetria fundamentais – que não dá aos outros o que exige para si mesma – gerará problemas, mais cedo ou mais tarde. A igualdade de direitos é uma das contribuições ocidentais à cultura de paz. O estado de exceção é o oposto, daí ser ele antitético à paz. Isto vale para gêneros e gerações, para grupos sociais, para estados e nações, regiões e civilizações.

A guerra se funda na Condição de Ser Escolhido, na Glória e no Trauma, preconizados pelo dualismo, maniqueísmo e a promessa de um embate violento, e de Armagedão. As siglas que uso para esses complexos são CGD e DMA. Hoje terroristas fundamentalistas e estados terroristas fundamentalistas vem lançando mão delas. Por isso: *Moderados de todo o mundo, uni-vos! Só temos fundamentalistas a perder numa cultura de paz em que imperam a Empatia, a Criatividade e a Não-violência*.

O espírito humano é capaz de acomodar culturas de guerra e culturas de paz. Assim como o corpo humano é capaz de hospedar agentes patogênicos como o perigoso HIV e também agentes salutares como as vitaminas, o mesmo vale para a cultura de qualquer sociedade. É preciso abrir nossos corações para o imenso significado do espírito humano e sua aspiração por uma civilização mais pacífica e rechaçar os agentes anti-paz.

Mas a paz não se faz apenas através da cultura, nem apenas pela política e economia. A paz é formada pela combinação sinérgica das três. A fórmula para a paz é sempre igualdade, equidade e respeito mútuo. Precisamos aprender a celebrar os elementos pacificadores de outras culturas, além dos da nossa. "Eu celebro sua contribuição para a humanidade e você celebra a minha" – esta seria uma boa fórmula boa. Devemos celebrar ainda aquilo que nos é comum.

As soluções não precisam ser radicais. Ao contrário, idéias surpreendentemente simples podem ser criadas envolvendo um pouco de reestruturação aqui e ali.

A teoria da paz não diz que devemos estar de acordo com tudo nem tratar todo mundo igual. Os conflitos entre escravo e dono de escravos ou entre colônia e colonizador não foram resolvidos através de acordo mas sim através de resistência ao mal. Aliás, tal resistência é parte da tradição hindu, e não apenas gandhiana, e está presente em muitas outras tradições espirituais.

Algumas palavras sobre a economia da paz. Usando as necessidades básicas e a equidade como linhas mestras, a primeira coisa a conseguir é a satisfação das necessidades básicas, algo que pode ser feito com maior eficácia a nível local e nacional. O segundo objetivo é a equidade, ou seja o comércio eqüitativo deve orientar as relações comerciais no espaço global. Nenhum objetivo econômico poderia ser mais importante do que o de dar às pessoas uma vida digna e construir relações eqüitativas entre os países.

Não podemos permitir que uma economia mate pessoas num ritmo de 100 mil por dia, um quarto delas por inanição, os outros três quartos por falta de cuidados médicos básicos. Não podemos permitir que o comércio se apodere dos recursos naturais de outros povos, acobertando seus roubos com ajuda dos militares.

Em suma, temos muito trabalho pela frente. Que bons espíritos nos guiem.

Tradução do inglês: Tônia Van Acker

Obs.: foram excluídos deste artigo episódios específicos. A íntegra deste artigo pode ser encontrada em inglês no site da Transcend University: WWW.transcend.org